

“A arte existe para que a realidade não nos destrua” –  
Friedrich Nietzsche.

Título: Desbravando mundos obscuros

Subtítulo: Entre fantasmas... Cães, lobos e homens

Autora: Rita Augusto

Ano: 2024

ISBN: 978-65-00-97251-1

Diagramação e revisão: Reinadi Sampaio, Hermes Peixoto, e autora

Tela – capa e interiores:

Lopes de Sousa – L. Sousa /Aveiro/Portugal

e Reinadi Sampaio – eufior – /Cruz das Almas/Bahia/ Brasil.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Augusto, Rita

Desbravando mundos obscuros : entre fantasmas--  
cães, lobos e homens / Rita Augusto. -- Cruz das  
Almas, BA : Ed. da Autora, 2024.

ISBN 978-65-00-97251-1

1. Psicologia 2. Psicologia comportamental  
I. Título.

24-198300

CDD-150

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Psicologia 150

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Rita Augusto

Desbravando mundos obscuros  
[Entre fantasmas... Cães, lobos e homens]

Cruz das Almas | Bahia | Brasil  
2024



## Dedicatórias e Agradecimentos

**A** Deus, Energia Sublime, em que acredito.  
Aos meus pais, meus familiares, meus rebentos,  
aos meus amigos, sobretudo, às minhas irmãs pelo  
apoio, diante da minha coragem de revelar-me – que-  
brando tabus –, através dos meus gritos literários, conti-  
dos, por bastante tempo.

**A** Reinadi Sampaio, que deu grande contribuição  
a essa obra, ela – a escritora, a poetisa, a pesqui-  
sadora, psicanalista, a coordenadora e diagra-  
madora –, todo meu carinho e respeito, sobretudo, meu  
agradecimento à paciência, amizade sincera, e o cari-  
nho dedicados à minha pessoa.

**A** Lopes de Sousa, um agradecimento especial,  
por todas as imagens disponibilizadas, e criadas,  
especialmente, de forma carinhosa, para com-  
por cada um dos capítulos desse livro. Como di-  
zes: **Um Bem haja!**

**A** Hermes Peixoto Filho – O Senhor HGÁ –, pelas cor-  
reções e considerações finais, e suas palavras de  
incentivo: *Um enredo muito bom, muito suspense  
com pitadas de terror psicológico.*

**Rita Augusto.**

23 de fevereiro de 2024

Cruz das Almas, Recôncavo, Bahia, Brasil.



## Palavras preambulares...

**E** escrever as palavras preambulares, para levar ao leitor uma ideia da composição de um momento em que o autor, externa seus sentires, é algo que mexe com o nosso imaginário. Num amálgama de emoções, transitamos entre o autor e as palavras, com sabedoria, calçados na linha – que por vezes tênues –, os separa.

Em “Desbravando mundos obscuros”, Rita, traz consigo as inquietações de todos nós, ao questionarmo-nos muitas vezes sobre o comportamento humano, a sua luta pela sobrevivência, e as vicissitudes do cotidiano, que nos coloca todo o tempo em enfrentamentos a nós mesmos, como seres humanos dotados de inteligência, possuidor de uma linguagem articulada – às vezes inseridos num duplo contexto, entre o homem selvagem e o homem moderno –, ultrapassando os limites do humano, quando nos deparamos com homens que fogem, literalmente, da criação Divina, embora, saibamos que, do ponto de vista da religião, o comportamento humano, não é algo Divino. Nesse momento da narrativa, a autora, nos coloca frente a frente com o ‘humano bestial’, de comportamento estúpido, doentio, perverso e amoral – familiares que violentam –, hoje, tão comum em nossas sociedades. Quem sabe, nossos medos tornem-se infundados, diante dos fantasmas, que povoam a mente da principal personagem do livro – Catherine –, imagens ilusórias, transmitindo terror nas mais variadas formas de espectros sobrenaturais? Ou longe do conhecimento, como se, estivéssemos enclausurados na “Caverna de Platão?”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Uma obra de formação intelectual que explica como podemos nos libertar da escuridão que nos aprisiona através da luz da verdade. Aqui Platão discute sobre a teoria de conhecimento, linguagem e educação na formação do Estado ideal. Sua leitura contribui para o engrandecimento pessoal dos jovens e inspira todos os leitores a atuarem como seres sociais conscientes da necessidade de esclarecimento de todos os demais. **O mito da caverna/ Platão**; tradução e notas Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2015. ISBN978-85-7283-941-9 (impresso)

O medo existe, desde que o homem existe, fundamenta-se em temer o desconhecido, alimenta-se da ignorância – todas essas situações –, povoam o mundo consciente de Catherine, dividida entre sentir-se protegida, e ao mesmo tempo ameaçada, por lobos e cães selvagens.

Após todo o envolvimento com as palavras, a cada capítulo, as imagens gritantes, entre um impressionismo descomunal, e uma realidade acolhedora, e imagens abstratas, que mexem com os nossos mais loucos devaneios, as telas de Lopes de Sousa<sup>2</sup>, nos joga no olho do furacão, em um redemoinho de emoções... Sensações..., sobretudo, quando a escritora com seus relatos e o artista plástico – nos últimos capítulos –, nos transforma em espectadores-viajantes em “diários de viagens”, e mergulhamos no mais profundo dos mares junto com “Simbad, o marujo<sup>3</sup>”, desbravando os “sete mares”, e não menos impactante é o encontro de Jeckins e Catherine – um encontro, não casual –, de dois corpos:

sedentos de amor,  
sedentos do toque,  
sedentos da entrega....

---

<sup>2</sup> **Lopes de Sousa (Carlos)** – Natural de Aveiro, Portugal. Frequentou o Instituto Universal Brasileiro-Pintura-anos 70. Dedicou-se exclusivamente à pintura desde o ano de 1975.

Como relata Reinadi Sampaio, em seu livro “Cânticos às mulheres da Terra”, cujas telas são todas do referido artista Aveirense – Lopes de Sousa –, buscou no horizonte dos dias a fórmula para externar o artista e a natureza exuberante que advém da intensidade da Alma do homem sonhador – quando ele “abre seus braços diante da sua arte” –, nos aproximando desse mundo que se descortina aos nossos olhares.

<sup>3</sup> **Sindbad**, cujo nome significa “viajante em Sind” (uma província do Paquistão), é uma figura lendária de tempos antigos, conhecida da náutica do seu povo. Reza a lenda que, no tempo do Califa Harun-al-Rashid (786-809 a. C.), vivia, em Bagdade, um homem muito pobre que ganhava a vida a carregar fardos à cabeça. Na história Simbad enfrenta muitos perigos por não conhecer o mar. O romance “Simbad, o marujo” é da autoria de Alaíde Lisboa, brasileira, mineira.

Que há muito já manifestara nos seus sentires, mas, sufocara-os... Por mais um medo?

– O medo dos desejos corpóreos, que se manifestavam em intensidade –,

diante do cheiro...,

em frente ao olhar...,

como se não tivessem direito a um novo amor,

ou

a redescoberta do corpo que vibra em volúpia?

Seriam condenados por romperem as teias da 'escuridão'? Ou estariam loucos? Quem são os loucos?

Os culpados? Nós?

– Nós –, os humanos modernos, contemporâneos – transitando nos meandros das 'Teorias Freudianas'; da Psicologia, da Sociologia; da Antropologia; da Filosofia; da Biologia, observando o comportamento humano –, e seu corpo e sua trajetória na História da humanidade, ou os primitivos, os lobos selvagens, manipulados ou as tais sociedade?

Mas, que sociedade é essa? Se somos nós mesmos, as peças do seu quebra-cabeça, se, somos o óleo que lubrifica suas engrenagens?

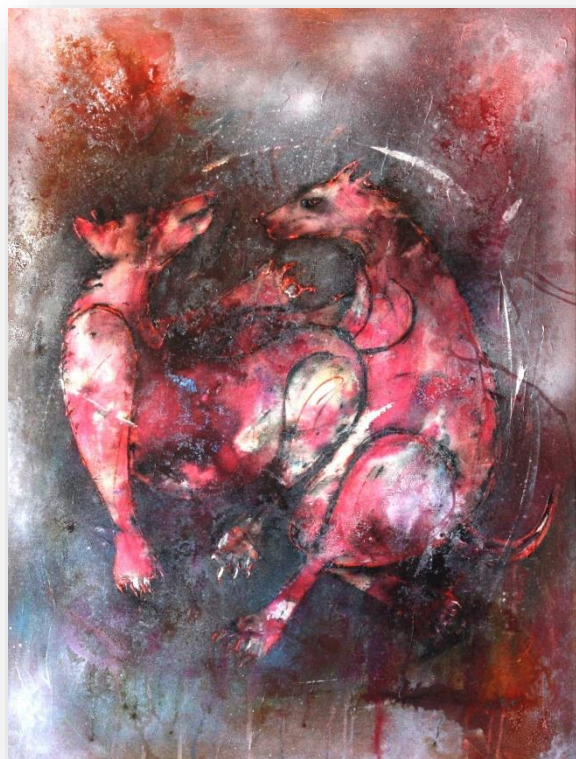
**Reinadi Sampaio – Eufloir.<sup>4</sup>**

---


<sup>4</sup> **Reinadi Sampaio-Eufloir**, soteropolitana, nasceu em 1951 e cresceu no Sertão baiano. Casou-se aos 22 anos e aos 49, mãe de cinco filhos, e avó de um neto e uma neta, enveredou-se pelos caminhos da academia. Neste intento, quanto mais percorria as normas dos espaços formais da ciência, mais se descobria nos espaços informais da educação. reuniu as informações necessárias para sua primeira obra literária: o poema "Amálgama", em 12/05/2003. Desde então, publicou livros, transcreveu seus escritos para as cores das telas, fez exposições no Brasil e Portugal participou de várias exposições com os seus versos, em composição com as telas do artista plástico, português, Lopes de Sousa. A sertaneja, mãe e avó, se reinventou para reexistir. Renasceu poetisa, autodenominou se "Eufloir" e hoje, ocupa uma das cadeiras da Academia Cruzalmense de Letras, tendo como **Patronesse – Rosimeire Conceição**.



## Palabras da autora – lobo e cordeiro



“Luta de cães” – L. Sousa

ssa é a história de, Jenice ou Caterine, salva por cães e lobos. Após inúmeras tentativas fracassadas de ataques, por parte deles, ela conseguiu domá-los. O cordeiro conseguiu dominar o lobo.

Existem situações, que, quando homem e animal conquistam um clima de convivência, um instinto cede ao outro, ou talvez – considerando a escala do tempo –, células de memórias bastante pré-históricas se reconheçam, então um aceita o outro.

Passa a fazer parte da vida do outro. Ora pela necessidade de alimento, ora pela afetividade, ora pelos laços consanguíneos.

Ou seria puro instinto de sobrevivência? Nas entranhas, lá, onde mais distante, ainda que, uma célula de memória, mas está lá, para isso serve a plasticidade neuronal<sup>5</sup>. Em algum momento existe a possibilidade de ocorrer alguma identificação ou empatia.

A empatia ou a identificação ligada aos instintos de sobrevivência, salvou a vida de Jenice? Ou fora apenas uma relação de troca?

Provavelmente.

O que leva duas espécies em situações extremas, no limite de suas vidas lutarem para sobreviverem?

O que faz um animal reconhecer em outra espécie, a possibilidade de convívio em comum? A busca e a dependência por alimento?

Seria um jogo? E um dos dois – intimamente pensasse –, “eu te salvo e em troca tu me alimentas” ...

De onde vem o sentimento ou instinto do animal? Como ele reconhece no outro a possibilidade de ambos coexistirem? Ambos, não são selvagens?

Seria uma falha epigenética<sup>6</sup> da evolução das espécies?

---

<sup>5</sup> – **Neuroplasticidade**, também conhecida como plasticidade neuronal ou plasticidade cerebral, refere-se à capacidade do sistema nervoso central de adaptar-se e moldar-se a novas situações.

Acessível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Neuroplasticidade>

As interações entre os estímulos ambientais e as respostas de um organismo determinam as propriedades comportamentais que lhe garantem adaptação às diferentes situações e individualidade comportamental. Acessível em:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/ysvrdSjm8fSR5fTsdyjMFXM/>

<sup>6</sup> **Epigenética** - ideia de que hábitos cotidianos e o ambiente em que vivemos podem alterar o "comportamento" dos genes sem modificar o código genético.

Acessível em: <https://www.google.com.br/books/edition/Epigen%C3%A9tica/IX-DTDWAAQBAJ?hl=pt-BR&qbpv=1&printsec=frontcover>

Certo, mas quando a privação de convivência com o meio se dá pela retirada da liberdade do outro, de forma violenta? O que faz um ser humano obrigar o outro a viver em estado de isolamento social por completo?

Como o outro é capaz de ser feliz privando a liberdade de outro ser, estabelecendo regras de convivência altamente violentas e brutais? Seria o caso do feminicídio<sup>7</sup>, em todas as formas? – Sexual, verbal, psicológica, cerceamento da liberdade, mutilações e, morte. Seria doentio? **Rita Augusto**<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> **Femicídio** — “Trata-se de um crime de ódio. O conceito surgiu na década de 1970 com o fim de reconhecer e dar visibilidade à discriminação, opressão, desigualdade e violência sistemática contra as mulheres, que, em sua forma mais aguda, culmina na morte. Essa forma de assassinato não constitui um evento isolado e nem repentino ou inesperado; ao contrário, faz parte de um processo contínuo de violências, cujas raízes misóginas caracterizam o uso de violência extrema. Inclui uma vasta gama de abusos, desde verbais, físicos e sexuais, como o estupro, e diversas formas de mutilação e de barbárie.”

**Eleonora Menicucci**, socióloga e professora titular de saúde coletiva da Universidade Federal de São Paulo, foi ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres entre 2012 e 2015.

Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/femicidio/capitulos/o-que-e-femicidio/>

<sup>8</sup> **Rita Augusto**, nasceu em Santa Rita de Cássia no ano de 1964 e cresceu no sertão xiquexiquense. Com a enchente do Rio São Francisco em 1979 sua família mudou-se para a Feira de Santana onde estudou no colégio dos Capuchinhos e em seguida cursou Engenharia Agrônoma pela Universidade Federal da Bahia. Especialista em Gestão Ambiental e Psicopedagogia Clínica e Hospitalar. Em 2004 ingressou no Curso de Psicanálise Clínica, vindo a publicar vários artigos em torno da Psicopedagogia. Foi nessa caminhada que conquistou cadeiras nas escolas pública e particular e nesse universo ela lidou com as angústias e dificuldades dos alunos na sala de aula. Publicou vários artigos pela UESC, Universidade Estadual de Santa Cruz.

A paixão pela leitura deveu-se aos seus pais e aos momentos em que se reunia com a família em torno de uma fogueira para contar causos e histórias, que de certa forma contribuíram no estímulo de sua imaginação.

Palestrante de renome em escolas públicas, seus temas sempre giram em torno da Psicopedagogia, Conservação do Meio Ambiente e suas aplicações no mundo contemporâneo.

## Capítulo 01 – O Despertar



“Luta de cães” – L. Sousa

A enfermeira Paty, foi surpreendida pelo chamado da sua paciente, depois de um ano e meio de internamento, em uma Clínica Psiquiátrica. Jenice demonstrava os primeiros sinais de melhora. Na semana anterior, os médicos ficaram surpresos com um dos seus primeiros progressos/pedidos – lápis e papel para desenhar –, agora, os médicos foram surpreendidos com o desejo de um livro, específico. O tema, causou estranhamento em toda equipe médica, pois tratava-se da convivência sobre humanos e animais selvagens, especificamente, sobre lobos, cães e outros. A figura representativa, deixava dúvidas, pois, não estava clara. O médico questionou à enfermeira se Jenice estava em condições de falar com a psicóloga.

Era óbvio que para os médicos psiquiatras – aqueles desenhos representava uma grande descoberta –, a paciente dava sinais de melhora. O que estava acontecendo com Jenice era uma grande vitória para a equipe, pois a sua memória, lentamente, dava sinais de recuperação.

A neblina estava – aos poucos –, se dissipando, pelos relatos, Jenice vivera com esses animais em algum lugar na floresta, por um longo período, certamente. Eles faziam a segurança e ao mesmo tempo a mantinha em cativeiro. A psicóloga e os psiquiatras acompanhavam a evolução da paciente, dentre aqueles inúmeros desenhos, um ou outro, chamava atenção dos médicos. Outros, os chocavam pela cena. Aquilo tinha de fato acontecido – um filhote de cão sendo amamentado por uma mulher –, outras representações ele crescendo?

Inferimos, que, ela cuidara dele, e ele a reconhecia como sua mãe ou sua dona. Existia uma relação de submissão. A representação de Jenice com o animal enrolado nos braços, ou mesmo amamentando o cãozinho, era simplesmente chocante. A equipe passou a debater o caso, e chegaram à conclusão que ela estivera em cativeiro. Fora sequestrada, sendo que, alguns animais conviviam pacificamente com ela. Os outros não pareciam com cães, eram lobos ou coiotes, pelas suas expressões, pelos traços de agressividade, que ela fazia questão de expressar nos desenhos. Confusos os desenhos seguiam uma sequência brutal e ao mesmo tempo digna de compaixão. Era um conto de terror, em quadrinhos. Estaria a paciente desenvolvendo outro sintoma além da esquizofrenia<sup>9</sup>? Seria uma paranoia<sup>10</sup> seguida de delírio?

---

<sup>9</sup> **Esquizofrenia** – termo cunhado em 1911 por **Eugen Bleuler**, para designar uma forma de loucura, a que **Emil Kraepelin** dera o nome de “demência precoce”, cuja sintomas fundamentais são a incoerência do pensamento, da afetividade e da ação (clivagem), o ensimesmamento (autismo), e uma atividade delirante. **Freud**, preferia falar de **parafrenias**. O termo impôs-se na Psiquiatria e na Psicanálise para caracterizar ao lado da **paranoia** e da **psicose maníaco-depressiva** proveniente da **melancolia**, um dos três componentes modernos da psicose e, geral. Rudinesco, Elisabeth, 1944 – **Dicionário de Psicanálise**. p.189.

<sup>10</sup> **Paranoia** designa loucura no sentido da exaltação e do delírio. Abrange diversos distúrbios psíquicos – dentre eles a mania de perseguição –, definido pela presença de delírios, sem alucinações. Rudinesco, Elisabeth, 1944 – **Dicionário de Psicanálise**. p.572.

## Capítulo 02 – Desenho animado macabro



“Movimentos na Ria” – L. Sousa  
| Janeiro | 2023

**P**oder-se-ia dizer, uma pintura macabra, visto que, esses animais eram sempre desenhados destruindo o corpo de um homem, ora mordendo o calcanhar dele, outras arrastando-o pelo mato. A presença desse homem, deu outra pista para a equipe, sinal que Jenice passou parte do tempo acompanhada. Quem era aquele homem? Nessa representação, ela passou a delirar, seu choro era sofrido, e vez por outra, ela emitia sons baixos que eles não conseguiam entender. Foram inúmeros os desenhos que ela iniciava e desistia, devido ao retorno à posição depressiva<sup>11</sup> levando-a a deixar os desenhos de lado.

---

<sup>11</sup> **Posição depressiva** – introduzida por **Melanie Klein** (1934), para designar uma modalidade com relação ao objeto consecutiva a uma posição persecutória (ou paranoide). Essa intervém durante o quarto mês de vida sendo superada ao longo da infância, sendo depois reativada, durante a vida adulta, no luto, ou, de maneira mais grave, nos estados depressivos. Rudinesco, Elisabeth, 1944 – **Dicionário de Psicanálise**. p.594.

Também, depois de um tempo, eles reconheceram num desses desenhos, que Jenice havia sido arrastada pelo seu cão, até o rio, e lá ela boiara até ser encontrada por dois jovens, numa tarde de sol. Era certo que ela tinha plena consciência da atitude dos médicos, eles queriam respostas. E, a partir daquele momento, estava disposta a dá-las.

Jenice progredira, contudo – passava a maior parte do tempo lendo sobre esses animais –, cães e lobos. Aos poucos o que estava preso na sua memória era despejado na sua consciência.

Entendia o porquê daquele animal ter-lhe salvado a vida, o animal apareceu acompanhado da mãe, que morreria dois dias depois – brutalmente pelo seu dono –, para não deixar o filhote morrer, passou a amamentá-lo com o seu próprio leite. Mas tudo aquilo não a satisfazia. Ela queria algo bem maior que carregara consigo.

– Como os animais se aproximaram de você?

– O Homem-mau os trouxera para me vigiar, eu tentei fugir várias vezes, então, ele colocava os cães e lobos, para me encontrar... O senhor acha que um homem pode se comportar como um lobo feroz? – Você quer dizer caçador? Perverso? – questiona o médico.

– Sim. Ele usava umas máscaras de animais selvagens, obrigava William – sempre William –, e eu também, parece que ele tinha raiva de William, depois colocava a gente para correr... Os animais nos perseguiam, ele se divertia muito com isso. Era horrível... Às vezes, penso que ele me conhecia. Eu ficava de longe o observando, ele me olhava de um modo muito estranho.

– *Você não é minha mãe, mas eu posso ser seu pai, seu tio, seu primo, quem sabe?" Eu só não quero que você tenha as mesmas atitudes da minha mãe... – aquela vaca –, dissera entre dentes, e meu pai, ele era tão bonzinho com seu irmão. Ele fazia tudo que ele mandava. E eu dizia – Papai, não faça isso. Papai, não seja bobo. Deixa-me ficar no seu lugar e aí eu acabo com ele...*

– Posso voltar a falar sobre o cão?

– Sim –, responde-lhe o médico.

– Uma vez o bichinho estava com muita fome, então eu o peguei, e o coloquei no meu peito. Nessa noite, não resultou em nada. Não estava produzindo leite. Na manhã seguinte, senti meus seios doerem, olhei para a blusa e vi que estava molhada<sup>12</sup>. Então, me escondi atrás da porta e vi que sai um líquido meio transparente, era leite. Então passei a amamentar o cão, por uns dois meses. Um dia resolvi tirar, fiquei como medo dele descobrir...

– O que levou você a amamentar um filhote de cão?

Jenice fechou os olhos e viajou no tempo, silenciosa... – *Era uma tarde chuvosa, eu estava com muito frio, também foi o dia que meu bebê mexeu pela primeira vez. Apesar do sofrimento eu estava feliz. Meu filho estava vivo. Então ouvi os latidos, ou uivos, sei lá, deles com William, depois um silêncio tomou conta do lugar, ouvi o homem-mau chutar os animais. Pensei que fosse com William, mas meu marido não tinha mais forças... Então eu o escutei falar – É você hoje sua cadela, eu não mandei você emprenhar!*<sup>13</sup>

Muito emocionada Jenice continua com seu relato.

---

<sup>12</sup> A **produção do leite**. Quanto mais for realizada a amamentação, mais esse processo será estimulado. Disponível em: <https://fraldastumadamonica-baby.com.br/como-estimular-a-producao-de-leite/>

**\*\*Amamentação como direito humano.** Deve-se superar a visão maternal ingênua, limitada e fragmentada, que ainda prevalece no discurso de algumas políticas e estratégias em saúde voltadas para o AM, que costumam enfatizar os aspectos positivos da amamentação, mas tratam apenas da responsabilidade da mulher, sem considerar a complexidade para sua realização plena. Acessível em: <https://www.scielo.br/j/jcse/a/pDNPFgK7cYkjtWPSVTT66yk/>

<sup>13</sup> A **transferência** termo progressivamente por Freud e Sandro Ferenczi (entre 1900 e 1909), para designar um processo constitutivo do tratamento psicanalítico mediante o qual os desejos inconscientes do analisando concernentes a objetos exteriores passam a se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocado na posição desses objetos. Rudinesco, Elisabeth, 1944 – **Dicionário de Psicanálise**. p,766.

– Então ele a chutou muito, depois, acho que ele a levou para o mato e atirou no animal. Um filhote morreu, e o outro, num momento de descuido dele, o peguei e passei a cuidar.

– Você sabia que esse animal que você cuidou podia ser um lobo?

– Não. Eram cães, sim. Havia lobos também, eram uns três, ou mais, não sei ao certo. Tinha certeza que os lobos ficavam agitados quando ele chegava, não latiam, saltavam em cima dele... Uivavam...

– Também ele não deixava por menos, batia nos animais com uma corrente, outra ele usava para torturar William. Uma vez ele feriu o meu marido. Saiu muito sangue do ferimento da perna dele, então ele foi lá e o lambuzou de sangue, depois colocou os cães para lamber todo o sangue que estava na sua pele. – Os que feriram, e lamberam o corpo de William eram lobos. Mas, essa era uma cadela. O lobo, estava sempre na minha frente, acompanhando passos. Uma vez o homem mau tentou me agredir, então o lobo saltou em cima dele e o mordeu na face. Ele tentou matá-lo, porém ele fugiu. Achei que isso realmente tivesse acontecido. Um dia, ele apareceu, então passei a cuidar dele. – A cadela, era mais calma, lambia meus pés. Quando enfurecido o homem mau batia nos animais. Os outros atacavam-no, ela não. Ela fugia, tinha medo, buscava proteção, corria para meus braços.

– O que você se lembra desse dia? Foi ele quem arrastou você até o rio? Continue.

– Sim. O cão, o lobo, ou talvez todos eles... Foi o lobo que me arrastou até o rio... Não tenho certeza...

– Continua diz-lhe o médico

– Na noite anterior senti muitas dores na barriga, acho que foi porque meu bebê estava morrendo. O homem mau, desferiu um golpe nas minhas costas e eu cai de mau jeito, perdi muito sangue, senti muitas dores. O cachorro tentou atacá-lo, saltou sobre o pescoço dele, os outros animais também ficaram agressivos.

O lobo – lembro-me muito bem –, saltou no pescoço do homem mau, e ele o agrediu com a corrente de metal muito pesada, para que ele o soltasse. Mesmo ferido se arrastou até a mesa, pegou a arma e começou a atirar nos animais, o lobo fugiu... – Os outros começaram a uivar, havia um entre eles que parecia ser o líder. Esse saltou em cima do Homem mau, e o arrastou para fora da casa. Nesse momento eu aproveitei e me arrastei até a varanda. Eu sentia muitas dores. Eu achava que iria morrer também...

– Você acha que seu marido já havia morrido?

– Sim. Eu creio. Pois não escutei mais seus gemidos. Tentei saber onde ele estava, me arrastei por toda casa e não o encontrei. Antes, eu escutava os gemidos de William, parecia que vinham do quarto ao lado, mas não. Eu não sei...

– O sótão, você lembra? Na casa havia um sótão e o corpo do seu marido foi encontrado lá. Eu sinto muito, por tanto sofrimento que vocês passaram. Mas tudo passará... Dê um tempo... E então como você conseguiu chegar ao rio?

– Recordo-me, quando o cão chegou, e começou a me arrastar, depois vieram os outros. Achei que eles fossem me atacar, porém o líder abaixou a cabeça, me lambeu, depois tentou me arrastar, mas não conseguira. Então, começou a latir, e os outros vieram e me arrastaram. Vi-me na beira do rio. Os lobos arrastaram o tronco até a água. Entrei na água, segurei o tronco, fui arrastada rio adentro.

– Continue, por favor –, pediu-lhe o médico.

– Era tudo ou nada, eu preferia morrer afogada, já não suportava mais tanto sofrimento, também pensava que podia salvar meu filho. Então eu boiei até ser avistada por duas pessoas... – não me recordo de mais nada. É como se eu estivesse morrido.

– As pessoas que você avistara, eram dois jovens.

– Meu bebê já estava morto, doutor?

– Sim. Infelizmente. Há uns três dias...

– Anda terei filhos, doutor?



“Mulher grávida/figurações”  
– Técnica mista L. Sousa  
janeiro | 2024

– Não. foi um milagre você ter sobrevivido a esse catifeiro. Quando você chegou já estava em processo uma infecção que nos obrigou a retirar seu útero. – Fizemos o possível. Por sorte não lhe perdemos também. Foram muitos meses em coma induzido. – Então, o que você descobriu ou percebera sobre o comportamento dos cães e dos lobos? Desculpe. Deseja falar mais alguma coisa? Quer continuar?

– O senhor quer mesmo saber?